

A importância do resgate da concepção de infância e do ideal de educação de Comênio*

Keity Jeruska Alves dos Santos

Professora de Fundamentos da Educação e Prática de Ensino da Fundação Herminio Ometto, UNIARARAS; Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCar.
e-mail: keityy@ig.com.br

Resumo

Este trabalho pretende mostrar a importância do pensamento pedagógico de Comênio. Acreditamos que a concepção de criança é um dos elementos fundamentais que permitem ao educador elaborar, compreender e aperfeiçoar sua prática com os pequenos. Comênio representa a concepção clássica de infância moderna. A Modernidade foi o berço do reconhecimento da infância como fase singular, e importante em si mesmo. Atualmente, essa concepção vem sendo posta em cheque, ao lado de outros valores modernos, tais como a historicidade, a verdade, o bom, o belo. A sociedade capitalista não valoriza mais a diferenciação entre idade adulta e infantil. Logo, transforma suas crianças em novos adultos em miniatura. O resgate do ideal de educação de Comênio auxiliaria o educador no trabalho com valores e conhecimentos que representem o modo universal de conceber a criança trazida pelos modernos.

Palavras-chave

Criança - educação - modernidade.

Abstract

This study intends to show the importance of the pedagogical thought of Comênio. It is believed that the conception of the child is one of the fundamental elements that permits the educator to elaborate, understand and perfect classroom practice with little ones. Comênio represents the classical conception of modern infancy. Modernity was the initial recognition of infancy as a singular phase important in itself. At the moment, this conception is being checkmated alongside other modern values such as historicity, truth, good, beauty. The capitalist society no longer valorises the differentiation between adulthood and infancy. So, children are transformed into new miniature adults. The retrieval of the Comênio ideal of education would help the educator in working with values and knowledge that represent the universal way of understanding the child brought up by those who are modern.

Key words

Child - education - modernity.

* Este artigo constitui parte da Dissertação de Mestrado da autora, defendida em abril de 2002, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar, sob a orientação do Prof. Dr. Amarílio Ferreira Junior.

A criança nos dias de hoje

Vivemos uma época que se caracteriza pela exaltação da mudança, pela redução do conceito de tempo, pelo relativismo de valores e pela idéia de fim da História. Na medida em que a pós-modernidade contesta as noções de conhecimento cumulativo, não fornece um quadro teórico que nos esclareça quanto às questões do mundo material real. No campo da educação, essa época caracterizada por Pós-modernidade propõe o desenvolvimento de práticas ecléticas que desvalorizam o bom, o belo e o verdadeiro. Além disso, com o fim da razão e dos princípios éticos, torna-se impossível compatibilizar educação e cidadania. Mas a perda maior ocorre no que se refere à concepção de infância, elemento que tem importância fundamental na realização da prática docente: hoje, já não fazemos questão de manter uma diferenciação entre infância e a idade adulta. As conseqüências deste estado de coisas são inúmeras e Postman (1999) nos esclarece sobre essas questões: a relação entre criança em crescimento e vergonha não existe mais e por conta disso, podem ocorrer comprometimentos psíquicos capazes de nos levar à barbárie. Se não há mais a idéia de vergonha, ocorre também uma queda no que se refere às boas maneiras. São despejados sobre a criança grande quantidade de material adulto e isso faz com que elas conheçam cedo a sexualidade adulta, a hipocrisia política, as drogas e o mundo do crime. O fim da autoridade do adulto e da curiosidade da criança promovem a infantilização da idade adulta e a adultifi-

cação da criança. De uma maneira diferente da existente na Idade Média, estamos transformando nossas crianças em novos adultos em miniatura. Estamos impedindo a infância de existir, na medida em que permitimos que os valores economicistas se sobreponham aos valores humanos. Não existem mais as canções e vestes infantis, a literatura infantil e o brincar pelo brincar. Enquanto educadores que somos, precisamos tomar decisões que estejam pautadas por imperativos éticos capazes de transcender as circunstâncias particulares. As transformações da prática devem estar sempre vinculadas às ações morais. Se as crianças – tanto a trabalhadora da periferia como aquela cuja condição sócio-econômica permite o contato com novas tecnologias – estão sendo impedidas de viver sua infância, isso não significa que a infância está condenada ao desaparecimento, mas sim que devemos lutar para que a criança usufrua de seu direito à felicidade. Acreditamos que a sensibilidade moderna a respeito da infância traz em seu próprio âmago a possibilidade de sua resistência.

Acreditamos que, guardadas as diferenças culturais, individuais e de contexto histórico, a criança é criança em qualquer lugar. A criança precisa de respeito à sua condição e também tem o direito de viver essa fase da vida com alegria. Os autores clássicos modernos foram os que melhor pensaram a infância, trabalhando com beleza e propriedade princípios que devem ser a preocupação de toda forma de educação: justiça social, solidariedade, igualdade, liberdade, fraternidade, comunidade, o bom, o belo, o verdadeiro, a

alegria, a amizade, a relação autonomia/disciplina, poder libertador do conhecimento. Dentre estes autores clássicos desponta Comênio e seu respeito pela singularidade infantil, seu tratamento da infância da forma mais integral e ética possível. A coerência existente entre sua concepção de infância e suas práticas educativas propostas demonstram uma preocupação com a educação infantil que precisamos mais do que nunca resgatar. As idéias de Comênio constituem legado a ser resgatado constantemente, são alguns dos elos de mobilização de que dispomos para a instauração da valorização da criança e para a construção de um mundo melhor. Vejamos então, na beleza do ideal de Comênio, um exemplo de sensibilidade no que se refere ao trato com os pequenos.

Contexto, vida e obra

O século XVII foi conhecido como o "século do método", porque vários pensadores passaram a se dedicar à discussão da teoria do conhecimento na busca da verdade: a razão não foi subestimada, mas constituiu apenas uma etapa subordinada ao conhecimento obtido por meio dos sentidos. Na Idade Moderna destacou-se o desenvolvimento científico. Percebemos a diferença desse período, quando nos voltamos à Idade Média, na qual o predomínio foi de uma concepção de ciência contemplativa, desligada da técnica, pois era inerente às culturas que desvalorizaram o trabalho manual, pertinente aos escravos e servos. Destacou-se a importância do burguês que modificou essa concepção, a

partir do momento em que fundamentou sua ascensão na capacidade de trabalho, na técnica. Em suma, o método científico requereu a técnica e essa se aperfeiçoou com o progresso das ciências.

O século XVII mereceu destaque, também, pela ocorrência da chamada "crise de consciência". De posse do saber ligado à técnica, o homem transcendeu a fase do saber por saber e seu anseio foi em direção a um saber para transformar. Assim sendo, as transformações que ocorreram na ciência, inevitavelmente, refletiram-se em outros setores. O absolutismo e o mercantilismo permaneceram, porém, surgiram as idéias liberais na economia, na política e na ética. É importante sublinhar aqui o estreitamento de laços familiares em diversos segmentos sociais, revelando o sentimento de família e de infância que acentuou com a ascensão da burguesia. O século XVII influenciou ainda os pedagogos a buscarem, no método, uma educação agradável, eficaz e realista. O realismo na educação definiu-se por privilegiar a experiência, por se preocupar com as coisas do mundo e por dar atenção aos problemas da época.

Partindo do pressuposto segundo o qual existiu uma maneira adequada para conhecer verdadeiramente e corretamente as coisas, os intelectuais do século XVII buscaram um método que ensinasse de forma mais rápida e segura. Nesse sentido, não se pode deixar de estudar o século XVII sem atribuir a devida importância a João Amós Comênio (1592-1670), bispo protestante considerado o maior educador e pedagogo desse século. É um autor que merece grande mérito pela capacidade que

teve de ler seu tempo com muita perspicácia e nenhuma ficção dentro do contexto social predominante.

Comênio nasceu em 28 de março de 1592 na cidade de Uhersky Brod, na Morávia, região da Europa Central, pertencente ao reino da Boêmia. O pai moleiro e a mãe Ana eram seguidores dos irmãos Morávios, seita que se reportava aos tempos de Jan Huss, líder religioso do século XVI que era padre e reitor da Universidade de Praga e propunha uma reforma eclesiástica enquanto retorno à vida evangélica, na tentativa de suprimir os abusos do clero; propunha ainda o estabelecimento de uma democracia cristã e, por isso, acabou morrendo na fogueira. Com menos de 12 anos de idade, Comênio perdeu os pais e suas irmãs Ludmila e Suzana; foi levado para Nivci, onde moravam seus tutores. Sua formação intelectual foi prorrogada e, daí, a importância que atribuiu à educação. Em 1608, Comênio matriculou-se na escola secundária de Perov; em 1611, foi para a Alemanha estudar teologia na faculdade de Herborn. Em seguida, Comênio foi para Amsterdã e transferiu-se para Heidelberg, para aperfeiçoar seus conhecimentos de matemática e astronomia na universidade. Em 1614, foi para Perov e dedicou-se ao magistério. Com 24 anos, desempenhou a dupla função de educador e pastor. Tomou contato com as obras do místico e pastor luterano João Valentim Andréa. Vivenciou a Guerra dos Trinta Anos irrompida entre os Estados alemães, que contaminou toda a Europa. Antes da reforma de Lutero, a nação Tcheca se havia insurgido contra o catolicismo e organizado sua própria igreja

com base em Huss. O Imperador Rodolfo II permitiu a liberdade de credo, mas com sua morte, um católico fanático tomou a coroa, reforçando a discórdia entre católicos e heréticos na região. Em 1618, com a defenestração de Praga, que foi o marco inicial da Guerra dos Trinta Anos, a cultura Tcheca foi suprimida e o idioma alemão foi declarado língua oficial na terra de Comênio. Aristocratas e intelectuais foram banidos do país. Na tentativa de tranquilizar seus irmãos de fé, Comênio escreveu o *Labirinto do mundo*. Em 1628, os irmãos morávios conseguiram asilo na Polônia. Com sua segunda esposa, Comênio se estabeleceu em Leszno. Em 1641, foi para a Inglaterra, onde foi extremamente valorizado. Contudo, agitações internas e a revolta da Irlanda impediram seu projeto de Panshoftia e, em 1642, Comênio deixou Londres. Peregrinou pela Suécia e pela Hungria. Em 1648, voltou a Leszno e presenciou a morte de sua segunda esposa. Em 1649, substituiu o bispo geral dos irmãos morávios, estava com 56 anos, casado pela terceira vez, cuidando de três filhos e duas filhas. Em 1651, foi para a Hungria e deixou o país em 1654, uma vez que a democratização da cultura soou mal à classe abastada. Voltou à Polônia por conta dos conflitos religiosos, até que os poloneses católicos atearam fogo em Leszno. Comênio, com 60 anos, perdeu sua biblioteca, seus bens e manuscritos. Pobre e com uma doença não identificada, mudou-se para a Holanda, onde passaria os últimos anos de sua vida. Em Amsterdã, com sua mulher e os filhos, continuou sua obra. A cidade era uma das mais esclarecidas e progressistas da Europa.

As autoridades locais propuseram, então, a publicação de todas as obras de Comênio: a coletânea foi iniciada com a *Didáctica Magna*. Em 1670, com 78 anos, Comênio morreu e foi sepultado numa pequena igreja em Naarden (Covello, 1999, p. 10).

Valorizando as emoções e as vontades dos pequenos

Ao fazer a leitura da *Didáctica Magna*, notamos que Comênio utilizou-se de argumentos científicos, filosóficos e religiosos, a fim de justificar suas proposições; afirmou que era possível ensinar, tendo a certeza da obtenção de bons resultados e acreditou na possibilidade de um ensino rápido, sólido, sem aborrecimentos para alunos e professor: um ensino que refletia uma verdadeira instrução, bons costumes e veneração a Deus. Já de início ficaram evidentes, em Comênio, os valores da solidariedade e da fraternidade, pois seria preciso que todos conhecessem o legado necessário a uma boa educação e convivência.

Comênio observou que Deus criou o homem e nele todos os elementos do mundo e todas as formas para que se manifestasse a sabedoria de Deus inerente a ele: o paraíso, donde existia "a árvore da ciência do bem e do mal" (Comênio, 1966, p. 56). Por ignorância, o homem perdeu o paraíso e, por bondade, Deus deu-lhe outra chance. No entanto, o homem não teve o sucesso que deveria ter e, por isso, o que restou no homem se encontrava pervertido e depravado. Mas ainda havia uma saída: o sucesso da tentativa de regenerar o mundo seria conseguido por meio de uma reta formação

da juventude, já que corrigir os defeitos e perversidades do homem feito era tarefa difícil. Desse modo, baseado nas Sagradas Escrituras, Comênio afirmou que as crianças eram exemplos verdadeiros de regeneração e que a elas pertencia o reino de Deus, e o resto de dignidade que restou dos seres humanos.

Este momento da argumentação pode gerar algumas dúvidas: e aqueles que não são jovens e nem crianças, não poderiam salvar-se? Comênio afirmou que só iriam para o céu os homens que se assemelhassem às criancinhas, porém ele mesmo ressaltou que era difícil que um homem se regenerasse. A esse respeito: "Na verdade, uma árvore, tal como cresce, alta ou baixa, com os ramos bem direitos ou tortos, assim permanece depois de adulta e não se deixa transformar" (Comênio, 1966, p. 95).

Segundo Comênio, os homens deveriam se assemelhar às crianças, desaprendendo os males contraídos por meio de uma má educação, retornando ao seu estado de simplicidade, mansidão, humildade, castidade e obediência. Comênio foi categórico: se pretendemos dar remédio ao mal da humanidade é preciso fazê-lo de modo especial. Esse modo especial consistiu na educação sensata e prudente da juventude. Essa educação só foi possível porque tinha como base a sabedoria de Deus. Aqui, Comênio parece mostrar com muita propriedade que as crianças não deveriam se acomodar ao mundo tal como estava configurado, mas deveriam ser educadas para transformá-lo. Haja vista as mudanças provocadas pela Reforma, a sociedade

ainda precisava eleger alguns valores em sua conduta.

Na perspectiva de Comênio para proteger as crianças do mal, Deus deu a elas os anjos custódios e transformou os pais em educadores, para que ensinassem e corrigissem seus filhos de acordo com a doutrina de Jesus; porém, continuou afirmando que os preceitos de "virtude" se ministravam raramente, isso porque os pais não se preocupavam ou então não sabiam impôr-se aos males existentes. Mesmo entre os mestres, poucos eram os capazes de incutir na juventude coisas boas. Na maioria das vezes, esses poucos passavam a se dedicar a serviços privados, deixando assim os jovens do povo sem a devida cultura. Essa triste situação justificava o fato de o mundo ser tão selvagem e confuso. Caberia ao professor instruir e salvar os jovens selvagens e perdidos. É importante esclarecer que, para Comênio, a criança e sua pureza representavam a salvação e o amor a Deus, contudo, a regeneração do mundo seria feita, fundamentalmente, pela educação dos jovens, pois estes já teriam condições de apreender elementos que, aos pequenos, ainda seriam incompreensíveis. Uma vez que era impossível manter a criança afastada totalmente dos vícios mundanos e, conseqüentemente, preservar sua ingenuidade e candura, restava ao menos aos educadores a responsabilidade de corrigir a sociedade pela educação daqueles que ainda se encontravam maleáveis, ou seja, os juvenzinhos. Comênio escreveu:

Efectivamente, a criança, enquanto está na primeira infância, não pode ser instruída, porque a raiz da inteligência está ainda

profundamente apegada ao chão. Durante a velhice, é demasiado tarde para instruir o homem, porque a inteligência e a memória estão já em regressão. No meio da vida, é difícil, porque as forças da inteligência, dispersas pela variedade das coisas, só a muito custo podem concentrar-se. Importa, portanto, instruir na idade juvenil, quando o vigor da razão e da vida está em pleno crescimento; então, todas as faculdades crescem e lançam raízes profundas" (Comênio, 1966, p. 209).

De acordo com Comênio, a vida na terra era uma preparação para a vida no céu. É conveniente ressaltar que essa preparação era uma espécie de oportunidade para o desenvolvimento e a formação do homem e não uma garantia de que esse desenvolvimento se efetivasse. Desse modo, o homem teria três espécies de vida e de morada: a primeira morada seria o útero, que representa a vida como um processo natural; a segunda morada, a terra onde o homem tem o movimento, os sentidos e a razão; e, finalmente, a última morada consiste no céu, sinônimo de plenitude e perfeição. O céu é o fim último do homem e a vida na terra é apenas uma passagem.

Em se tratando da concepção de homem, Comênio afirmou que este era criatura racional, superior aos outros seres e capacitado para conhecer as coisas do mundo e aprender tudo por meio do contato com a natureza. Pode-se dizer que o homem era o resumo do universo: ele não nascia sabendo as coisas, mas possuía recursos para aprender tudo. Isso significava que o homem possuía as sementes da "instrução", da "moral" e da "religião", e que necessita de condições básicas para se desenvolver.

A mente do homem, para Comênio, era ilimitada; era capaz de tudo e todas as coisas lhe eram acessíveis. A mente era comparada a uma semente na qual ainda não existia a figura da árvore, mas a árvore já existia de fato: "Não é necessário, portanto, introduzir nada no homem a partir do exterior, mas apenas fazer germinar e desenvolver as coisas das quais ele contém o gérmen em si mesmo e fazer-lhe ver qual sua natureza" (Comênio, 1966, p. 104). Nestas palavras, nota-se indícios da caracterização do professor como jardineiro, uma das mais conhecidas metáforas educacionais. À alma racional do homem foram atribuídos os órgãos, com a ajuda dos quais o homem se tornaria capaz de captar todas as coisas do mundo. De posse dessas informações, torna-se clara a importância do professor, do especialista em ensinar: cabe a ele o papel de cuidar das formas pelas quais as coisas da natureza são apresentadas aos sentidos. Se essas coisas forem apresentadas de forma adequada, é possível aprender tudo. Comênio faz analogias entre a mente humana e um jardim, um pedaço de cera, uma tábula rasa, na qual aquele que sabe a arte de ensinar pode gravar todas as coisas e, se isso não ocorre, a culpa não é da tábula, mas da ignorância do preceptor. A única diferença entre a mente e a tábula rasa é que a primeira não tem limites: "A nossa mente é a maior do mundo, do mesmo modo que o continente é necessariamente maior que o conteúdo" (Comênio, 1966, p. 109)

Desse modo, ficou evidente a importância atribuída por Comênio ao professor: o homem devia ser bem formado para que

se tornasse verdadeiramente homem, pois um homem sem "instrução" tornava-se bruto e semelhante aos animais. Com estas palavras, Comênio revelou a importância que atribuiu ao conhecimento, pois ao lado da virtude e da religião, a instrução constituiu um dos pilares de humanização do homem. Assim, o conhecimento, para Comênio, pareceu adquirir um poder emancipatório e libertador, capaz de tornar a criança um verdadeiro homem. Nesse sentido, a cultura tornou-se necessária a todos, tanto aos "estúpidos", como aos "inteligentes". É interessante a posição de Comênio a esse respeito, porque ele defendeu que os "inteligentes" tinham mais necessidade de instrução do que os "estúpidos", afinal, se as mentes sutis não fossem entretidas com coisas úteis, encontrariam espaços para se deterem em pensamentos nocivos. Engajado fortemente numa luta pela regeneração do mundo, que implicava, necessariamente, numa mudança da maneira de educar, Comênio mostrou-se sensível e inovador no que se refere ao sistema de ensino de sua época.

Para Comênio, tanto os ricos como os pobres, os súditos quanto os governantes, todos, sem nenhuma exceção, deveriam ser educados. Ao comparar a condição do homem à da árvore, Comênio deixou claro que assim como uma árvore de fruto era capaz de crescer por si e dar frutos bravos, mas para dar frutos doces era preciso que fosse plantada e cuidada por um agricultor, o homem também, por vontade própria nascia com características humanas, mas não crescia racional, sábio, honesto e piedoso, se nele não se plantassem os germens

de tais qualidades. Porém, a plantação deveria ocorrer enquanto as plantinhas fossem novas. Assim, de acordo com Comênio, a formação humana deveria se iniciar na primeira idade e isso se justificava por inúmeros argumentos. Em um deles, Comênio disse que a vida presente era incerta, não se poderia prever quando a morte chegaria; por isso, havia que se aprender rapidamente todas as coisas a serem aprendidas, pois se essa chance fosse perdida, correr-se-ia o risco de deixar que a criança fosse para a vida no céu sem ter feito as aquisições necessárias. Mesmo que existisse a certeza de uma vida longa na terra, Comênio propunha o iniciar da instrução desde cedo, de modo que não se gastasse a vida toda a aprender, mas a fazer – esse era o objetivo. Em outro argumento, Comênio ressalta, também, que era regra geral que todas as coisas se formam com mais facilidade enquanto são tenras. “Uma arvorezinha deixa-se plantar, transplantar, podar, dobrar para aqui ou para ali, mas uma árvore já crescida de modo algum” (Comênio, 1966, p. 129). Na infância, o cérebro estava mais maleável para aprender e reter informações, assim como as mãos e os membros, nessa fase, estavam aptos para se exercitarem nas artes e nos ofícios. Isso valia também para a piedade, a moralidade e a sabedoria:

De modo semelhante, portanto, se se quer que a piedade lance raízes no coração de alguém, importa plantá-la nos primeiros anos; se se deseja que alguém se torne um modelo de apurada moralidade, é necessário habituá-lo aos bons costumes desde tenra idade; a quem deve fazer grandes progressos no estudo da sabedoria, importa abrir-lhe os

sentidos para todas as coisas, nos primeiros anos enquanto o seu ardor é vivo, o engenho rápido e a memória tenaz (Comênio, 1966, p. 130).

Assim, Deus deu ao homem os dias da juventude para que fossem gastos apenas em sua formação e, dessa forma, o resto da vida seria usado para desenvolver as habilidades nos diversos assuntos. Por meio destas palavras, Comênio revelou profundo conhecimento das particularidades da idade infantil e, também, reconhecimento da singularidade de cada criança, que deveria ser respeitada, mas, ao mesmo tempo, educada com base em valores universais: princípios éticos e morais. Sem dúvida, e até por conta do contexto histórico em que vivia, Comênio enfatizou a educação prática: a criança precisaria aprender a fazer, pois, para ele, só se aprendia verdadeiramente por meio da experiência; contudo, não retirou a importância da educação para o falar e isso pode ser constatado na defesa da instrução e do conhecimento na formação dos pequenos.

Tendo como referência essa série de argumentos desenvolvida por Comênio, tornou-se transparente a importância da primeira idade na formação do homem. Uma nova visão de criança, diferente da idealização “adulto-miniatura”, floresceu nos escritos de Comênio, justificando, assim, tanta preocupação com os preceptores, com as escolas e com a formação das mesmas. A convicção de que o homem não trazia idéias inatas valorizou ainda mais o papel da educação, e daí decorreu seu método de ensinar tudo a todos: o método foi orientado pela concepção de homem,

pela visão de criança inerente ao autor, o que deu ao seu pensamento uma coerência interna invejável.

O fato de Comênio atribuir enorme importância ao papel do professor não exclui os pais da função de educar os filhos; porém, Comênio justifica que, na maioria das vezes, os mesmos têm muitos afazeres e resta-lhes apenas a alternativa de deixar os filhos sob a responsabilidade dos professores na escola. Por isso, as escolas deveriam existir em toda a parte: a igualdade de direitos aparece aqui como valor fundamental; deveriam existir porque a sociedade precisava seguir uma ordem, assim como a natureza: as coisas saem melhor quando uma só pessoa faz apenas uma coisa, sem se distrair com as demais. Além disso, seria mais frutífero educar a juventude em grupo, pois desse modo, um dá exemplo ao outro:

Além disso, a idade infantil conduz-se e governa-se muito melhor com exemplos que com regras. Se se lhe ordena alguma coisa, pouco se interessará; se se lhe mostra os outros a fazer alguma coisa, imitá-los-á, mesmo que lho não ordenem (Comênio, 1966, p. 136).

O que impulsionava a luta de Comênio por uma nova forma de educar era o fato de existirem, até aquele momento, apenas escolas que não correspondiam ao seu fim. Para Comênio, uma escola que correspondia ao seu fim era aquela que se assemelhava a uma "oficina de homens". Essa expressão estava relacionada com o contexto do capitalismo mercantil, ou seja, a época das corporações de ofícios: dos produtos manufaturados produzidos pelos artesãos. Essa idéia de "oficina de homens" ia de

encontro ao modelo de educação até então existente, que privilegiava as especulações teóricas e resumia-se em produtos de saberes vazios e sem significações. Nesse sentido, ao propor que "aprenda-se a fazer fazendo", Comênio buscava a instauração dessa oficina, uma vez que a ênfase nos exemplos, tomando o lugar das regras, a descoberta do papel insubstituível e primordial da experiência, para a construção do conhecimento, foram pontos notáveis de seu pensamento.

Comênio afirmou que as escolas de seu tempo pecavam em aspectos graves; por isso, deveriam existir escolas – oficinas de homens – em todos os lugares e para todos sem distinção. Mas, na realidade, isso não acontecia. Nos lugares em que existiam as escolas, existiam apenas para a formação dos jovens ricos. Ainda existiam, nessa época, escolas vinculadas aos mosteiros e Comênio criticava o uso do método duro, rígido, baseado no uso de violências e castigos que essas escolas utilizavam.

Comênio chamava essas escolas de "espantalhos das crianças" e "câmara de tortura das inteligências" (Comênio, 1966, p. 157). A consequência disso era que muitos alunos desistiam da escola e escolhiam seguir outro caminho. Para os que ficavam na escola, Comênio afirmava que era transmitida uma cultura sem seriedade e prudência, superficial, livresca; não havia uma divisão coerente do tempo e ensinava-se em cinco ou dez anos o que era possível aos alunos aprender em apenas um. Por que isso ocorria? Segundo Comênio, porque as coisas eram ensinadas de forma confusa e obscura. Eu acrescentaria, de forma pouco

atraente, que se desconhecia, totalmente, a importância do “lúdico”. As aulas não eram seriadas e não tinham uma seqüência lógica. Além disso, as escolas não se dedicavam à formação moral correta dos jovens. Foi, então, refletindo sobre essa escola que Comênio propôs seu método, acreditando ser esse capaz de reverter as conseqüências nocivas que o método utilizado até o momento havia acarretado. Para esse fim, seria imprescindível ensinar “tudo a todos”. O “tudo” consistiu nos fundamentos, razões e objetivos de todas as coisas principais, de modo a evitar que existisse, para alguém, algo totalmente desconhecido. Desse modo, foi necessário que todas as escolas instruissem os homens em “ciência”, “prudência” e “moralidade”; e desenvolvessem, ao mesmo tempo, a inteligência, a vontade e a memória. Uma vez instruídos em moralidade, seria mais fácil aos jovens aprender a ciência. A ordem presente na natureza seria um exemplo a ser seguido pelo homem, de modo que pudesse criar coisas que atendessem aos seus interesses e que estivessem em perfeita harmonia. Assim, Comênio citou o exemplo do relógio como sinônimo da ordem e da arte humana de atuar no mundo. O relógio foi visto como uma espécie de calendário que permitia a organização dos aspectos político, econômico e religioso da sociedade. Em conseqüência disso, a escola também deveria possuir organização semelhante ao relógio. A arte de ensinar exigiria a mesma exatidão e perfeição que o relógio possuía para o sucesso de seu trabalho. Ao criticar a educação pautada em castigos e violência, Comênio apresentou uma das bases de

sua pedagogia: a afetividade. A afetividade, ao lado da razão, parecem ser os pilares da proposta de educação comeniana. A necessidade da razão é vista quando Comênio propõe o uso racional do tempo. Seu pensamento traz ainda à baila a idéia de igualdade: se todos eram filhos de Deus, todos teriam direito a uma educação prazerosa; desse modo, a oficina de homens deveria promover a alegria, a instrução intelectual, moral e prática e deveria valorizar mais as artes práticas que as ciências especulativas. A luta de Comênio pelo fim dos castigos corporais revestiu-se de extrema propriedade, uma vez que ele dialogava com os jesuítas que ainda se pautavam por essa prática. De posse dessas considerações, ficou evidente que, para Comênio, a educação escolar foi uma conseqüência da educação do mundo. Considerando a ordem como princípio regulador do universo, pode-se afirmar que a ela caberia o papel de regular o trabalho da escola.

É impossível desvincular a escola idealizada por Comênio, do método proposto por ele, a fim de tornar a educação algo atraente; seu método ia de encontro a todas as práticas inadequadas das escolas da época. Dessa forma, Comênio propôs que se incentivasse os homens a guiarem-se pela sua própria razão e a buscarem por si só, e não por opiniões alheias, o conhecimento útil de todas as coisas. De acordo com Comênio, para que a aprendizagem se tornasse algo sadio, útil, fácil e prazeroso, não se deveria atribuir mais do que quatro horas ao ensino, além de que a responsabilidade por esse ensino deveria caber a apenas um professor.

Comênio afirmava que toda a juventude deveria ser formada. Sendo assim, o professor deveria estar preparado para ajudar os alunos em suas possíveis dificuldades, assim como incentivá-los para que eles desenvolvessem seus gostos e aptidões. Todavia, Comênio afirmava que educar era uma arte; sendo assim todas as inteligências poderiam tornar-se educadas por meio do mesmo método, o método natural. Para Comênio, as pequenas variações possíveis e necessárias nesse método não alterariam sua essência. A importância de manter o método natural era tamanha que Comênio dizia que as crianças não deveriam ser instruídas por vários mestres, porque eles dificilmente utilizariam o mesmo método. Para este autor, era inadmissível que o professor fosse consultado em particular e não em público, pois isso, feriria o princípio da coletividade, muito forte em sua obra: todos deveriam fazer uma única coisa ao mesmo tempo, e as colocações de um auxiliariam o outro. O método único de Comênio só poderia ser aplicado por um professor, por conta de sua concepção educacional, que se baseava numa educação para todos. Essa era a educação que caracterizava o momento histórico de Comênio. No século XVII, havia a necessidade urgente de técnicos que imprimissem à sua arte mecânica a perfeição e o método da natureza. A posição de Comênio se justificava pelo fato de que, para ele, todos os homens tinham o mesmo fim, que consistia no aperfeiçoamento da sabedoria e da moral. Além disso, todos os homens possuíam a mesma natureza e eram dotados dos mesmos órgãos. A existência de diversas inteligên-

cias nada mais seria que um sinal de diferenças presentes na harmonia natural, e que, dessa forma, seria facilmente corrigida por meio do método. Dever-se-ia agrupar os alunos de diferentes inteligências, de modo que todos tivessem o mesmo ensino e, um ajudando o outro, conseguisse mediar os excessos e as lacunas de cada capacidade. Os chefes de turma existiam também para este fim: para que nenhum aluno ficasse sem receber atenção e a socialização se tornasse algo natural e desejável. Encontram presentes em Comênio os valores da solidariedade e fraternidade, a defesa da "socialização" enquanto princípio educacional.

Em seus "Fundamentos para prolongar a vida", Comênio dirigiu orientações para a defesa do corpo das doenças e para a preparação do uso da mente fundada no atributo da sensatez. Estes fundamentos denotaram a visão ampla e abrangente de Comênio em relação à sua concepção de criança e também de educação: a criança foi compreendida como complexa, una e indivisível; e, portanto, o seu corpo como seu espírito precisariam ser formados concomitantemente: a nobreza e o sucesso dessa tarefa pertenceriam ao mestre.

Tendo sempre a natureza como modelo a ser seguido, Comênio formulou seus Fundamentos para o sucesso do ensino. Iniciou-os ressaltando que é preciso saber o momento certo de ensinar. Para ele, dever-se-ia tomar extremo cuidado em organizar o conteúdo a ser ensinado. Não se poderia ensinar aos alunos aquilo que eles não tinham condições de aprender e assimilar verdadeiramente. Mais uma vez o respeito à particularidade infantil. As escolas deve-

riam estar munidas de material didático apropriado, em quantidade e qualidade suficiente. Os livros utilizados deveriam seguir a ordem natural das coisas, ou seja, “não deve-se apresentar a ordem das coisas antes das próprias coisas” (Comênio, 1966, p. 221). Outro aspecto importante era a necessidade de dar exemplos antes de ensinar as regras; essas regras, para serem assimiladas, deveriam ser exatas e ter poucas palavras, sendo estas claramente utilizadas. Comênio acreditou que a aprendizagem só teria sucesso se fosse precedida por uma abundância de exemplos. Aqui, entendo a aprendizagem não somente do conteúdo intelectual, mas das próprias regras, princípios e valores. A ética também é possível de ser ensinada, por meio de exemplos. Isso implicava em uma responsabilidade muito grande do professor, cuja conduta seria exemplo e forte fonte de aprendizado das crianças. Ainda, para o sucesso dos estudos, seria fundamental evitar confusões no que se refere aos conteúdos. Para Comênio, só aprendia verdadeiramente aquele que aprendia uma coisa de cada vez. Comênio reforçou sua afirmação dizendo: “É como se se metesse na cabeça de um sapateiro, fazer ao mesmo tempo, seis ou sete pares de sapatos, e ora pegasse neles todos, um após o outro, ora os pusesse de parte” (Comênio, 1966, p. 216). Novamente podemos perceber a propriedade do método comeniano em relação às necessidades de sua época: a produção acentuada das manufaturas casava-se com o ideal de ensino de Comênio, que ficava explícito por meio de seus exemplos.

Fica clara, assim, a afirmação de que

a escola, se não quisesse pecar gravemente com seus alunos, deveria ensinar a eles uma matéria de cada vez. O professor, seguindo o exemplo da natureza, deveria partir da formação das coisas interiores; precisaria preparar os alunos, instruí-los, fazê-los ver sentido na aprendizagem, ao invés de obrigá-los a decorar coisas que não haviam sido ainda explicadas. É importante abrir um parêntese e deixar claro que Comênio valorizava a memória, porém, o desenvolvimento dessa não deveria fazer esquecer o desenvolvimento de outras faculdades igualmente importantes. Assim, Comênio propôs: “Em primeiro lugar formar-se-á a inteligência para a compreensão das coisas; em segundo lugar a memória; em terceiro lugar, a língua e as mãos” (Comênio, 1966, p. 218). A educação prática, o aprender a fazer fazendo, é a pedra de toque de Comênio; até mesmo a educação para as virtudes era conseguida pelo exercício constante da prática de ações honestas. Contudo, este autor esclarece que devem ser acrescentados a esses exemplos os preceitos e regras de vida.

Todo e qualquer conhecimento a ser ensinado, para que fosse compreendido, deveria partir do mais simples para o mais complexo. E o trajeto de acesso ao conhecimento deveria ser contínuo e gradual, sem atropelamentos ou extrapolações, pois, dessa forma, procedia a natureza. Ninguém poderia ser retirado da escola antes de ter sido instruído em todos os preceitos necessários e havia necessidade de se evitar todo o contato com influências e exemplos negativos que pudessem corromper a criança. Apenas os bons exemplos, retirados das

circunstâncias naturais, deveriam servir de alavanca aos bons hábitos e imitação. Era necessário despertar a criança para as coisas que as rodeavam, buscando as ciências não apenas nos livros e na opinião dos autores, mas nos exemplos da natureza; a criança deveria adquirir tal gosto pelo estudo, que as matérias permaneceriam na memória naturalmente. Além disso, tornando sólido o amor pelos estudos, estas seriam capazes de progredir cada vez mais, e mesmo comentar fora da escola o que a elas havia sido ensinado, socializando com as pessoas aquilo que retiveram.

A disciplina, para Comênio, foi muito importante, mas é preciso esclarecer aqui o que era disciplina, isto é, qual conceito de disciplina norteou o pensamento desse autor: "Com efeito, que é a disciplina senão um processo adequado de tornar os discípulos verdadeiramente discípulos?" (Comênio, 1966, p. 401). A disciplina, na concepção de Comênio, era incompatível com pancadas e castigos; a disciplina severa (entende-se aqui por severa uma palavra um pouco mais áspera, ou uma repreensão dada em público) seria usada apenas no que diz respeito aos costumes e não aos estudos, pois esse último deveria ser estimulado de outras formas, nem pela disciplina nem pela força. A disciplina deveria funcionar como uma espécie de barreira aos maus costumes. Comênio dialoga primordialmente com o modelo de educação jesuítica. Nisto consiste seu caráter de vanguarda. Contudo, a cultura de um tempo sempre permeia o espírito literário de um autor, e a Didática Magna também mostra isso, ilustrando que Comênio era contra a

violência física que ainda tinha corpo em sua época, mas não abolia a necessidade de disciplina, que se apresentava mais sutil, tornando as relações de dominação mais implícitas. Comênio demonstrou muita sensibilidade em relação ao tratamento das crianças, mas não se desfez de todo de um controle sobre as mesmas, que despertariam nelas um comportamento adequado à moral, à piedade e aos bons costumes.

No que se refere às instituições escolares, Comênio propôs que elas fossem divididas em quatro níveis de seis anos cada, de acordo com a etapa de desenvolvimento das crianças; durante todo o tempo da juventude (vinte e quatro anos), sendo que os assuntos se diferenciariam quanto à forma, mas não quanto aos conteúdos. Desse modo, dever-se-ia criar a escola materna para as crianças de seis anos, a escola primária para os "adolescentezinhos" de 12 anos, o ginásio para os adolescentes de 18 anos e a academia para os jovens de 24 ou 25 anos. Comênio argumentou que também, em quatro etapas, desenvolviam-se gradualmente as árvores:

Esta maneira de instruir e educar acuradamente a juventude pode comparar-se também ao cultivo dos jardins. Com efeito, as crianças de seis anos, bem exercitadas pelos cuidados dos pais e das amas, parecem semelhantes às árvorezinhas que foram carinhosamente plantadas, enraizaram bem e começam a lançar pequeninos ramos. Os adolescentezinhos de doze anos assemelham-se às árvorezinhas que já têm ramos e lançam rebentos frutíferos; mas não se vê ainda bem que é que contém esses rebentos; ver-se-á em breve. Os adolescentes de dezoito anos, que possuem já conhecimento pleno das línguas e das artes, assemelham-

se às plantas que estão todas revestidas de flores e, com isso, oferecem um belo espetáculo aos olhos e um agradável odor ao nariz e prometem frutos saborosos para a boca. Finalmente, os jovens de vinte e quatro ou vinte e cinco anos, já plenamente cultivados com os estudos acadêmicos, lembram as árvores cheias de frutos, os quais é tempo de colher e de utilizar de várias maneiras (Comênio, 1966, p. 414).

É interessante salientar que, ao afirmar que o homem nasce com as sementes da virtude, sabedoria e religião e ao apontar a necessidade da educação para que os germens tenham condições de se desenvolver, Comênio eliminou qualquer possibilidade de se pensar em idéias inatas. Se o homem já nascesse com suas características prontas, para que se preocupar com a educação do mesmo? Se assim fosse, de que adiantaria cuidar de uma criança que tem dificuldades de aprendizagem, por exemplo, se já fosse sabido que seria impossível reverter o "triste fim" dessa criança? O que era inato eram os germens, o potencial que cada um trazia guardado dentro de si e não o resultado do florescer destes germens. Estes resultados dependeriam da ação do professor para e com a criança.

Por permitir pensar essas questões, Comênio é um autor que merece ser estudado. O labor de seu pensamento demonstrou, por meio de sua obra, a sensibilidade para perceber as necessidades da educação da sua época. O fato de sua proposta estar alicerçada em uma obrigação religiosa de instrução universal não subestimou em nada a nobreza de seu ideal, uma vez que o objetivo a ser alcançado consistiu num aperfeiçoamento cada vez mais amplo do homem. Comênio encantou pela sua pro-

cupação com a criança, com o desenvolvimento sadio da mesma e com a valorização de suas especificidades.

Os méritos de Comênio são indiscutíveis e suas lições são referências para todos aqueles que buscam uma visão humanista e universalista da educação. A idéia de que o conhecimento, para fazer sentido, verdadeiramente, precisaria entrelaçar moral, ciência empírica e filosofia racional deveria orientar nossos estudos ainda hoje, no qual qualquer discurso é válido e toda e qualquer narrativa tem igual valor, e os parâmetros éticos e científicos de análise não mais guiam a cultura a ser transmitida à criança. Sua proposta pedagógica, que se dirigia à razão humana, incentivando-a a desempenhar uma atitude de pesquisa e visão integrada diante da natureza e da vida, cobra ainda hoje o reconhecimento de seu real valor. Desse modo, a pedagogia de Comênio traz em seu bojo elementos que são necessários e ausentes da educação dos pequenos de hoje. Talvez porque hoje não exista mais clareza em relação aos objetivos a serem atingidos pela educação, e porque se busca desenvolver apenas os aspectos da criança que poderão ser úteis e coadjuvantes da pobreza ética, cultural e humana da sociedade capitalista. Talvez falte, ao lado da competência, o amor pela criança. Numa sociedade na qual o novo já nasce velho, educar as crianças em virtudes e valores torna-se uma tarefa de segunda ordem. A educação para o pensar numa sociedade de informação pareceria uma anátema. A educação para lembrar que a História para nós perdeu o sentido? E lembrar a quem? Às crianças? Mas será

mesmo necessário? Será que as crianças não precisam mais de uma formação baseada em valores universais, uma vez que cada uma é fruto de realidades tão particulares, de modo que seria uma violência educá-las para projetos que envolvessem uma sociedade mais justa? Infelizmente, são essas idéias que costumamos ouvir daqueles que defendem os novos tempos e a cultura pós-moderna, e por isso precisamos criar resistência ao declínio das virtudes cívicas e políticas, à subversão dos valores que estão empobrecendo as inter-relações que estabelecemos com o outro, que também é a base do nosso existir no mundo. A criança tem direito de ser ensinada e orientada nos valores capazes de torná-la sujeito e construtora de sua própria História. Ora, a criança é a esperança do resgate das relações humanas afetivas. Por isso, os elementos presentes nas propostas de Educação Moderna se fazem atuais e necessários, porque a criança, em qualquer contexto, precisa de alegria, liberdade, afetividade, amizade, valores morais e princípios éticos que transcendam particularidades locais. É claro que as particularidades locais não podem ser descartadas, pois fazem parte da vida da criança. Entretanto, elas não devem se tornar barreiras que impeçam o acesso da criança a um tipo de conhecimento diferente do seu, a conceitos fundamentais e universais que aproximam as culturas porque são válidos para todas. É preciso, menos do que resgatar uma idéia universal de infância, identificar a infância como um modo universal de ser, e os autores clássicos como Comênio ajudam muito nesse sentido. A criança tem

direito a ter acesso àquilo que de melhor foi produzido culturalmente no mundo, porque ela tem a necessidade de ser respeitada em suas particularidades, mas também tem o desejo de ser orientada em direção ao que é capaz de fazer dela um ser-humano capaz de estar sempre em busca do melhor para si e para os outros. Logo, a pedagogia de Comênio é uma das respostas que podem ser dadas quando nos deparamos com argumentações desse tipo:

Pela via da contextualização, da heterogeneidade e da consideração das diferentes formas de inserção da criança na realidade, no mundo do adulto, nas atividades cotidianas, nas brincadeiras e tarefas, delineia-se um conceito de infância, arrendatário de um novo tempo (Rocha, 1999, p. 02).

O respeito ao estágio de desenvolvimento da criança, a coerência de propósitos educacionais entre família e escola, o desenvolvimento do raciocínio lógico e do espírito científico, associados à afetividade do educador fazem de Comênio um autor extremamente atual. Mas, infelizmente:

Hoje, com a crise da pós-modernidade, em que a relativização do conhecimento humano chegou ao nihilismo mais extremado, é voz corrente de que não há certezas ou verdades, sejam científicas, filosóficas e, muito menos, religiosas. O interesse por Comenius seria por isso, meramente histórico e, se suas idéias revelassem qualquer validade, seria pelo seu utilitarismo ou porque elas ainda fazem parte do processo cultural em que nos inserimos. A nossa definição dos clássicos, entretanto, se opõe evidentemente a essa maneira de interpretar as coisas. Porque há, sim, propostas que estão acima do contexto social, porque só elas realizam a verdadeira natureza humana (Incontri, 1999, p. 10).

Sob o argumento de que devemos

respeitar a realidade a que cada criança pertence, muitos profissionais incidem no erro de privar as crianças do contato com valores que se ligam a um ideal de justiça social, abstendo-se, assim, da responsabilidade de orientá-las numa atmosfera coletividade, autonomia, desejos, potencialidades e regras. Em nenhum momento, a pedagogia Moderna, desmerecendo o contexto histórico e a significação social da infância, tomou o particular pelo universal, numa tentativa de homogeneização da mesma; ela chamou a atenção para características próprias da idade infantil que precisavam ser trabalhadas. Se temos hoje crianças que são privadas de viver como crianças, em função da miséria, da marginalização, ou mesmo por conta do "direito" que os adultos lhe concedem de conhecer o seu mundo, tornando-as novamente adultos em miniatura, isso se deve à falta de atenção para

com a criança, à aceitação natural de tudo isso sob o rótulo de respeito às particularidades da criança e ao contexto de sua criação. E o descaso pós-moderno para com a infância se esconde atrás da crítica feita ao conceito Moderno de infância, reduzindo esse conceito a uma crença ingênua na bondade natural da criança e ao falso dilema educar/disciplinar ou deixar agir a natureza.

Para a felicidade daqueles que ultrapassam o nível superficial do debate sobre essa questão, o legado Moderno constitui rica fonte de esperança e orientações para que devolvamos à criança o direito de viver plenamente sua infância. Assumir a existência de várias infâncias enquanto resultado da atual configuração social não significa cruzar os braços e concordar com elas. A criança tem direitos inalienáveis, e não podemos nos omitir da luta pela sua concretização.

Referências bibliográficas

- BEYER, L. E.; LISTON, D. P. Discurso ou Ação Moral: uma crítica ao Pós-modernismo em Educação. In: SILVA, T. T. (org). *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- COMÊNIO, J. A. Didáctica Magna. *Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- COVELLO, S. C. *Comenius: a construção da pedagogia*. São Paulo: Comenius, 1999.
- MANACORDA, M. A. *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 2000.
- POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROCHA, E. A. C. A educação da criança: antigos dilemas, novas relações. In: *Acervo Pátio Revista Pedagógica*. Disponível em: <<http://bibvirt.futuro.usp.br/acervo/paradidit/patio/patio9.html>>. Acesso em: 1999.